

Faz muito anos que venho me perguntando sobre o estatuto do sujeito estrangeiro, aquele desconhecido que circula sem referentes territoriais, que causa assombro, estranheza, rechaço nos outros e aquele que por momentos deve permanecer excluído para permitir que os que pertencem saibam quem são “eles” e quem são “os outros”.

Farei agora um percurso cronológico de diversos autores que sondaram e trataram de definir o conceito de estrangeiro. Nomeie esse percurso para desenhar um caminho de aproximação ao termo. Do Umheimlich ao estranho; do “ajeno” ao outro, estrangeiro, intercultural, diferente.

Freud em 1919 escreve o texto Unheimlich ou O sinistro descrevendo um afeto que espanta e angustia por ser desconhecido e estranho; ao mesmo tempo em que resulta familiar. Unem-se o familiar com o desconhecido, o *heimlich* termina coincidindo com sua antítese o *Unheimlich*.

Remete aparição do afeto sinistro a aquilo reprimido que retorna. Descreve o sinistro como um afeto que aparece frente ao novo, que se une ao familiar e conhecido que foi reprimido e que retorna transformando-se em estranho.

Zygmund Bauman em 1997 trabalha sobre o conceito de estranho. Diz que “a chegada de um estranho produz o impacto de um terremoto” (BAUMAN, Z. 1997, p.19). O estranho questiona aquilo que parecia inquestionável para os membros da sociedade porque quebra a seguridade do conhecido. O estranho não tem status nem espaço dentro do grupo, pelo que tem que cometer um ato que rompa com o status quo. O estranho quebra o estabelecido a partir de seu lugar de excluído.

Bauman também nomeia o estranho como a “sujeira”, que desafia a organização e a ordem social. Mas, em todos os tempos os estranhos foram combatidos como portadores de doenças frente aos que as sociedades precisavam desenvolver cuidados de higiene.

Para Bauman cada sociedade produz seus estranhos a sua própria maneira. Esses seriam os estranhos responsáveis por gerar mal-estar social, já que acordam sentimentos de intolerância e dor em aqueles considerados ‘puros’ dentro da sociedade.

A segunda guerra mundial foi o exemplo máximo da busca moderna pela erradicação do estranho, para expeli-lo como uma aberração a ser emendada, mas, finalmente essa erradicação fracassou.

O estranho pós-moderno torna-se insuportável já que modifica o conceito de fronteira que delimita um espaço nosso, e um espaço adverso e desconhecido; e acorda nos sujeitos a imperiosa necessidade de se desprender daquilo que lhes é alheio. Esse estranho pós-moderno, chegou para ficar e os sujeitos vão ter que ver como lidam com ele o tempo todo, vivendo assim com a alteridade cotidiana e permanente. O desconhecido terá que ser reconsiderado e incluído dentro. A diferença começa a ter um espaço para ser reconhecida e cuidada entre os sujeitos pós-modernos, mas, a pesar disso, os estranhos têm que ser respetivamente mantidos aparte.

Agora se faz necessário citar a Isidoro Berenstein que tem nos traçado um caminho para pensar o outro, como outro do vínculo com seu caráter de “ajenidad”. O sujeito nasce no vínculo, em aquele ida e volta, de um até o outro, que implica a construção de um “entre” vincular, frente a presença que marca a diferença e permite descobrir a outredade. O outro nos empurra a desenvolver um trabalho de vínculo que permite o descobrir e se descobrir com o outro.

Cito um paciente que diz “eu sou melhor pessoa quando estou ao lado dela, ainda que seja muito difícil para mim, estar com ela”. Vemos como aqui se apresenta a marca do “ajeno”. Como motor de modificação, tanto do vínculo como dos sujeitos que o compõem.

O conceito de “ajeno” é um eixo fundamental da psicanálise das configurações vinculares já que descreve o descobrimento do outro no sujeito, como aquele com alteridade máxima que habilita mudanças e abertura para o novo dentro do vínculo.

Berenstein (2001) diz que o outro nos leva a reformular o princípio de realidade e afirma que “achar ou outro ‘ajeno’, e aceitá-lo como tal, implica obter uma nova significação, não tida previamente (BERENSTEIN, I. 2001, 91). “Outro é uma boa denominação para aquele sujeito que, vivido como radicalmente ‘ajeno’ e exterior, modifica-me fortemente com sua presença ali onde não consigo continuar sendo eu mesmo nesse vínculo com esse outro.” (Ibid., p.93)

Gostaria de compartilhar com vocês que ao tentar traduzir o termo ‘ajeno’ ao português, o mesmo não tem uma tradução literal. Poderia se traduzir por ‘alheio’, mas o mesmo termo tem outro significado que o coloca na margem oposta do conceito de ‘ajeno’. Um autista pode permanecer “alheio” ao mundo que o rodeia, ou seja pode se colocar fora da realidade que o circunda e dessa forma se subtrair a mesma. Por outro lado, o conceito de ‘ajeno’ é aquilo diametralmente oposto ao conceito de permanecer fora da outredade que o ‘ajeno’ impõe. Achei interessante esse jogo de palavras e significados, que se contradizem e opõem.

Janine Puget (2013) relaciona o conceito de diferença ao de interculturalidade e situa ambos termos no lugar a partir do qual o sujeito fica desarticulado, porque a mudança cria a incomodidade que o descoloca. Descreve os sujeitos contemporâneos como “migrantes em movimento, com o desejo de serem donos dos diferentes espaços que não o permitem, porque vão se modificando. O migrante enriquece-se fundamentalmente por pertencer a diferentes culturas sem dar a essa pertença uma qualidade de permanência definitiva” (PUGET, J. 2013, p.8) A autora descreve um migrante que sempre ocupa uma posição marginal, situando-se a margem da cultura dominante já que não lhe pertence de fato e de direito. Frente a interculturalidade a autora pergunta-se sobre a possibilidade de estabelecer pontes, construir um ‘entre’ que permita o transito de uma cultura a outra, sendo esta a situação que o define. Uma constante desse processo é a insegurança que tem que ser tolerada, para dar espaço a criação do novo e habilitar assim um espaço para as diferenças.

Gostaria de terminar com as palavras de Mario Vargas Llosa no livro **Travessuras da menina má**: “Não é culpa da França se seguimos sendo um par de estrangeiros, querido. É culpa nossa. Uma vocação, um destino. Como nossa profissão de interpretes, outra maneira de ser sempre um estrangeiro, de estar sem estar, de ser, mas não ser.” (Vargas Llosa M, **Travesuras de la niña mala** 2006 Santillana Ediciones Generales, P 175)